

Canção dos archeiros de Shu

Estamos aqui, a colher os primeiros rebentos de feto
E a dizer: Quando regressaremos à nossa terra?
Estamos aqui porque temos os Ken-in como inimigos,
Não temos repouso por causa destes mongóis.
Arrancamos os rebentos de feto tenros,
Quando alguém diz «Regresso,» os outros ficam cheios de
tristeza.
Mentes entristecidas, a tristeza é forte, temos fome e
sede.
A nossa defesa ainda não é segura, ninguém pode deixar que
o seu amigo regresse.
Arrancamos os caules de feto velhos.
Dizemos: Deixar-nos-ão regressar em Outubro?
Não há sossego nas tarefas do reino, não temos repouso.
A nossa tristeza é amarga, mas não quereríamos regressar à
nossa terra.
Qual a flor que começou a abrir?
De quem é a carruagem? Do General.
Os cavalos, até os seus cavalos, estão cansados. E eram fortes.
Não temos descanso, três batalhas por mês.
Oh céus, os cavalos estão cansados.
Os generais em cima deles, os soldados junto deles.
Os cavalos estão bem treinados, os generais têm flechas de
marfim e aljavas decoradas com pele de peixe.
O inimigo é rápido, temos de ter cuidado.
Quando saímos, a Primavera derreava os salgueiros,
Voltamos com neve,
Avançamos lentamente, temos fome e sede,
A nossa mente está entristecida, quem saberá da nossa mágoa?

Por Bunno. Supostamente 1100 a. C.

O formoso asseio

Azul, azul é a relva junto ao rio
E os salgueiros transbordam a cerca do jardim.
E lá dentro, a senhora, a meio da sua juventude,
Branca, branca é a face, hesita, ao passar a porta.
Delicada, adianta a sua mão delicada;

E ela foi em tempos cortesã,
E casou-se depois com um borrachão,
Que sai agora para a rua a embebedar-se
E a deixa muito, muito só.

Atribuído a Mei Shêng, 140 a. C.

A canção do rio

Este barco é feito de madeira de satō, e as amuradas de
magnólia trabalhada,
Músicos com flautas cravejadas e com tubos feitos de ouro
Enchem, em filas, o convés, e o nosso vinho
É abundante para encher mil taças.
Levamos raparigas a cantar, vogamos com o vogar das águas,
Mas o Imortal precisa
De uma cegonha amarela para montada, e os marinheiros todos
Poderiam seguir ou cavalgar as gaivotas brancas.
A canção em prosa de Kutsu
Paira com o sol e com a lua.

O palácio avarandado do Rei So
é agora apenas uma colina estéril,
Mas eu lanço mão da pena nesta barca
E faço estremecer os cinco píncaros,
E a mim dão-me alegria estas palavras
como a alegria de ilhas azuis.
(Se a glória pudesse durar sempre
Então as águas do Han correriam para norte.)

E eu vagueei pelo jardim do Imperador, à espera de uma
ordem para escrever!
Olhei para o lago do dragão, de água cor de salgueiro
A reflectir os tons do céu,
E ouvi os cem rouxinóis a cantar sem intento.

O vento leste traz a cor verde à erva islenha de
Ei-shū,

A casa púrpura e a carmesim acolhem a brandura da
Primavera.
A sul do lago as pontas dos salgueiros vão do azulado ao
azul,
Os seus fios enlaçam-se em neblina contra a imagem em
brocado do palácio.
Ramos de videira longos de cem pés pendem de parapeitos
trabalhados,
E sobre os salgueiros os pássaros graciosos cantam uns para
os outros, e ouvem,
E gritam — «Ken-Kwan» por causa do vento matinal,
e porque o sentem.
O vento enovela-se numa nuvem azulada e distancia-se
Sobre mil portões, sobre mil portas soam as canções da
Primavera,
E o Imperador está em Kō.
Cinco nuvens pairam altas, brilhantes no céu púrpura,
Os guardas imperiais vêm da casa dourada em couraças
reluzentes.
O Imperador sai no carro cravejado para inspeccionar as
flores,
Continua para Hōrai, para olhar as cegonhas que esvoaçam,
Regressa pelo rochedo de Shi, para ouvir os rouxinóis novos,
Os jardins em Jō-rin estão cheios de rouxinóis novos,
O som deles está misturado nesta flauta,
A voz deles aqui nos doze tubos.

Por Rihaku (Li T'ai Po), século VIII d. C.

A mulher do mercador do rio: uma carta

Enquanto usava ainda o cabelo curto sobre a testa
Eu brincava junto ao portão da frente, a apanhar flores.
Tu vinhas em andas de bambu, a brincar aos cavalos,
Passavas por onde eu estava, a brincar com ameixas azuis.
E assim fomos vivendo na aldeia de Chōkan:
Duas pessoas pequenas, sem aversão nem suspeita.

Aos catorze casei com Meu Senhor, contigo.
Na minha modéstia, nunca me viram rir.
Baixava a cabeça e olhava para a parede.
Mil vezes me chamaram e nunca olhei para trás.

Aos quinze anos deixei de me inquietar,
Desejava que o meu pó se misturasse ao teu
Para sempre e para sempre e para sempre.
Por que havia eu de subir à vigia?

Aos dezasseis partiste,
Foste para o distante Ku-tō-en, pelo rio dos remoinhos que
 volteiam,
E estás fora há cinco meses.
Os macacos fazem um barulho tristonho lá em cima.

Arrastavas os pés quando saíste.
Junto ao portão agora cresceu o musgo, os vários musgos,
Demasiadamente fundo para arrancar!
As folhas caem cedo este Outono, com o vento.